

**CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO**

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas





EXPEDIENTE 2007

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Rafael Villaça

Diretora SocialPaula Garcia (*in memoriam*)

Liane Leobons

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação

Miriam Gerber

Natascha Krepsky

Colaboração

Patrícia Rocha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

CONSELHO DELIBERATIVO**Presidente**

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboletti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ

Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco



A IMPORTÂNCIA EM PARTICIPAR DE UMA ASSEMBLÉIA

Clubes e centros excursionistas tem como atividade fim: Caminhar, escalar, acampar, viajar, promover atividades sociais para seus associados, etc. Porém nada disso seria possível se não tivéssemos a atividade meio, onde se processa a administração da entidade no que se refere à pagamentos de faturas; captação de recursos através da cantina, venda de livros, CBM, mensalidades; organização de festas, churrascos, excursões, mutirões de plantio; divulgação de nossas atividades através de boletins e comunicações on line; registro em ata das deliberações geradas em reuniões; emissão de carteirinhas; catalogação de livros, CDs, fitas e revistas; participação em reuniões de Diretoria, reuniões do DT; confecção de camisas. Enfim, é necessária uma grande mobilização para se manter uma entidade no foco das atividades para as quais foi concebida.

Venha participar das decisões importantes de seu clube, compareça na Assembléia Geral e dê sua contribuição votando e discutindo os assuntos do interesse da comunidade cerjense para que possamos dar continuidade às nossas atividades.

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 2007.

José Carlos Muniz Moreira

Presidente do CERJ



onde é essa bela paisagem?

novembro de 2007



Pessoal,

Realmente eles conseguiram atropelar decisões e regras e estão com uma autorização do Instituto Chico Mendes para passar pelo PNSO e conseguiram também uma liminar na justiça para passar pelo Parque Estadual dos Três Picos.....

O recém fundado Instituto Chico Mendes começou mal.... colocando em xeque a validade dos planos de manejos e uma necessária autonomia da direção dos parques.

Mesmo tendo a direção do PNSO negado a realização da prova e constando do plano de manejo ser proibido competições dentro do parque.... o Instituto Chico Mendes deu autorização para o evento...

Uma coisa curiosa é que estão tentando comparar essa competição com montanhismo, pois nesse final de semana fervilhante, alguém disse la nos altos escalões: "Se é assim, então vamos proibira escalada também, ela causa impacto". Essa frase nos obriga a fazer algumas considerações para tentarmos ver quem é quem nessa historia, e qual a postura que cada uma dessas atividades têm perante os parques.

O montanhismo, alem de estar presente em todos os parques antes deles serem parques.... ter ajudado na fundação de muitos deles, colaborar efetivamente na gestão de tantos outros..... trabalha em conjunto com a direção dos parques para que nossa atividade esteja de acordo com as regras dos parques.....

Participamos dos Conselhos Consultivos, Câmaras Técnicas, ajudamos na elaboração dos planos de manejo e colocamos regras no planos de manejo para a pratica do montanhismo....realizamos trabalhos voluntários durante todo o ano para melhoria dos parques..... e assim buscamos estar ali produzindo o mínimo de impacto possível..... e em harmonia com as regras dos mesmos..... desta forma o montanhismo se adapta as regras dos parques....

Já essa corrida ocorre exatamente o contrario. Qual é a postura dela diante dos parques?.... Vamos ao caso presente.

PNSO: A direção do parque negou o evento. A organização da corrida atropela isso tudo assim não é a corrida que deve se adaptar ao parque..... ocorre ai uma inversão de valores onde o parque acaba se adaptando a corrida.

Três Picos.: Também foi negado pela direção do parque e pelo órgão máximo dos parques estaduais que é o IEF..... e alem disso existe um decreto estadual que proíbe algumas das atividades inerentes a corridas em parques estaduais.

Nesse caso como eles não conseguiram atropelar vindo de cima (seria pelo IEF), conseguiram uma liminar e, mais uma vez, atropelaram as decisões dos órgãos competentes para tal..... e de novo temos a inversão de valores citada, o parque se adaptando a corrida.....

Sugerimos que busquem o bom caminho. No RJ no 16.10 foi fundada oficialmente a Federação Carioca de Enduro a Pé e Trekking (FECAEP).

Esse é um bom caminho...A FEMERJ está em contato e buscando uma boa sintonia com eles.... fica ai mais um exemplo.

Abraços, *Bernardo Colhares*

novembro de 2007

Boletim do CERJ **11**



ENCONTRO DOS VETERANOS



Velho e Moniquinha



Carrô e Antonio Paulo



Salô

Gil Xavier



Wal e Carrô



Tadeuz,
Sobral,
Cyonira



Karina, Moniquinha, Paulo Lucio, Michelle, Carlos Alexandre



PROGRAMAÇÃO

Data	Atividade	Tipo	Responsável
10..11	Morro de São João - PNSO	Caminhada semi-pesada com macarronada	'Waldecy
11.11	Mutirão de Reflorestamento - PA*	Atividade Ecológica	Sávio
17.11	Mirante Simone - PNSO	Caminhada Semipesada	Rafael Villaça
24.11.	Bohemia Gelada - PA	Escalada noturna - 2º, III grau	Rafael Villaça
24.11	Costão Pão de Açucar - Lua cheia	Escalaminhada	Júlio Mello
25.11	Paredão Vermelho	Escaladas de 2º, IV grau	Miriam Gerber

Aniversariantes

novembro

	18	CARINA DIAS SOARES
4	19	CISSA BIASOLI
5	21	MÁRCIA D'ÁVILA
	22	NINO AQUINO
9	24	NELSON BRAVIN
10	26	WALDECY LUCENA
14		WILSON DOS SANTOS
17		ANA MARIA LAREIRA

* a atividade ecológica será suspensa em caso de chuva e adiada para o próximo domingo

Para os meses de outubro até dezembro de 2007, o nosso sócio-fotógrafo "SOBRAL PINTO", vai expor uma escalada "diferente", pois a mesma é, praticamente, na horizontal, mas a 90 graus em toda a sua extensão. É denominada de "OLHOS DO IMPERADOR" situada na Pedra da Gávea, no P.N. da Tijuca, Rio – RJ.

No 20 de abril de 1946 foi conquistado o "Olho Direto" pelos cerjenses Sylvio Joaquim Mendes e Reynaldo Behnken.

Na época desta conquista, o caminho mais usado para se chegar à Pedra da Gávea, passava pela "Chaminé Ely". Desta trilha avistava-se os "Olhos do Imperador", sobre os quais pairada a curiosidade do que haveria em seu interior. Sylvio Joaquim Mendes resolveu, então, ir até lá conferir. Após tres tentativas fracassadas nos dias 8, 22, e 29 de abril, finalmente os escaladores Sylvio Joaquim Mendes, Reynaldo dos Santos, Indio do Brasil e Walter Santos chegaram ao "Olho Esquerdo", no dia 6 de maio de 1945.

Plantas tóxicas

A gente que anda nas montanhas, muitas vezes não está informada de que existem plantas venenosas e elas estão em torno nosso e intoxicam, em média 2.000 pessoas no país por ano. A folhagem comigo-ninguém-pode é a campeã das intoxicações. Pode causar queimação, inchaço de lábios, boca e língua, náuseas, vômitos, diarreia, dificuldade de engolir e asfixia. Geralmente são as crianças as que se intoxicam, mas se um dia ficamos perdidos na floresta, é bom saber que não podemos comer qualquer planta. Os pinhões roxos ou paraguaios são frutos, cujas sementes e o óleo são extremamente tóxicos e causam grave inflamação do trato gastrointestinal. Para a recuperação tem que ser feita uma lavagem gástrica e hidratação com soro. Se não for socorrido a tempo, pode se morrer de desidratação.

Nos parques podemos encontrar coroas-de-cristo, agaves, lírios e azáleas, hera, inhamé bravo e banana-de-macaco, todas com algum grau de toxicidade.

Não é recomendável fazer chá de plantas desconhecidas, porque não há testes seguros para distinguir as comestíveis das venenosas. Nem sempre o cozimento elimina a toxicidade.

(extraído da Folha de São Paulo)
Comigo-ninguém-pode



Taioba-brava



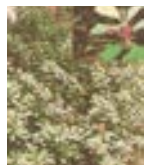
Bico de Papagaio



Tinhorão



Mandioca brava



Coroa de Cristo

amarrou na corda e me ensinou como deveria pegar no cabo de aço que estava preso ao paredão. Me encorajou dizendo que eu estava bem segura pela corda, não precisaria me preocupar. Agarrei firme no cabo de aço e lá fui, até o término do paredão.

Em seguida, depois de todos estarem novamente juntos, continuamos a caminhada para cima, sempre para cima, e no fim de uma crista da montanha que já havíamos subido, vi um enorme rochedo apontando para cima e em seu cume um bloco imenso, sobreposto, colocado de tal forma que dava a impressão de que iria rolar dali logo que alguém se encostasse...

A visão era espantosa! Não se poderia acreditar, a primeira vista, que era possível a um ser humano tamanha façanha! Alcançar o cimo daquelas rochas! E contudo...

Continuamos até alcançar a entrada de uma enorme fenda nesse colosso, a qual tecnicamente tem o nome de chaminé.

Penetramos na chaminé e lá, quem diria... havia uma escada estreita, de aço, até o cimo da montanha. São 60 metros de chaminé, e é uma verdadeira "escadada" como passamos a chamar aquela excursão.

Mas mesmo assim é impressionante e para o primário chega a ser cansativa, e toma o nome de façanha.

Alcançamos, por fim, a abertura que dá saída para o cume do Nariz do Frade e quando aí chegamos estávamos encobertos por um espesso nevoeiro.

Aí o pessoal resolveu subir na Verruga que é em verdade o cume da montanha.

O guia subiu e foi levando os participantes e quando chegou minha vez, não tive mais forças. Estava esgotada: Sentei-me sobre uma pequena rocha e sozinha naquele momento, olhei em redor apenas para fazer alguma coisa e... de repente, num lugar onde já se observava uma claridade, apareceu uma janelinha no nevoeiro que foi aumentando de tamanho e então vi...

Um espetáculo deslumbrante que enquanto vida eu tiver, não conseguirei esquecer!

Lá embaixo avistei a Bahia de Guanabara de um tamanho surpreendentemente

pequeno e aos poucos, no fundo dela a abertura que dá para o Oceano Atlântico. O Pão de Açúcar... deste tamaninho, O Corcovado, o Pico da Tijuca, o Bico do Papagaio, tudo pequenininho e quase me esquecia de mencionar a Pedra da Gávea, que mais parecia uma caixa de fósforos e que futuramente eu riria escolher para minha madrinha!

O céu, de tom azul turquesa, sem uma nuvem, pois que todo o nevoeiro havia desaparecido como por encanto, fazia um contraste belíssimo com as rochas das montanhas e a mata verde e a Cidade Maravilhosa parecia um cartão postal.

E diante de tanta beleza me senti GRANDE e ao mesmo tempo me veio um sentimento profundo de amor... e chorei. Chorei desesperadamente, soluçando com a alma e o coração. Sentia que estava presa para sempre, por aquele encantamento pelas montanhas, para toda a vida! Senti que nunca mais poderia deixar as montanhas e desde aquele instante os Deuses das Montanhas tiveram a certeza de que haviam conquistado uma defensora e ardorosa admiradora de seu precioso tesouro: A NATUREZA!

Seis anos são decorridos!

Muita coisa vi, muitas montanhas escalei; muitas excursões fiz e aqui continuo firme como aquela rocha primeira. E já muitas vezes lá voltei, até mesmo como guia do CERJ, já tive o imenso prazer de, como naquela época fizeram comigo, levar novos companheiros, os quais também como eu passaram a integrar as fileiras do Montanhismo e que, como eu se entusiasmaram pela mais bela jóia do excursionismo: A NATUREZA!

Peço a Deus que me permita poder continuar por muitos anos a subir nas minhas queridas MONTANHAS e que me permita vencer sempre os obstáculos que aparecerem, sejam eles quais forem.

Rapadura

Minha Primeira Excursão

Boletim de Outubro de 1962

Era uma sexta feira: A noite estava escura e começou a chover. A "turma" ficou de nos apanhar na porto do Edifício em que moro, na madrugada de sábado, pois subiríamos para Teresópolis no trenzinho da Leopoldina, às 7 horas (o trenzinho que mais tarde ficaria na saudade de todos os excursionistas), e eu achava que ninguém se atreveria a sair de casa, muito menos para subir uma montanha, com aquele tempo: como me enganava! Na hora marcada lá estavam os que iriam me iniciar no excursionismo e mostrar-me o que de mais belo existe! A NATUREZA...

Sim; porque até então eu "via mas não enxergava" uma vez que só bem perto do céu, diante da amplidão, em cima de uma montanha é que se consegue "enxergar" e olhando-se para dentro da gente, descobre-se a beleza da vida; na solidão que nos cerca conseguimos analisar a verdade; e nos sinceros companheiros de montanha e de excursão encontramos o verdadeiro sentido da amizade: a união!

Alcançamos o trenzinho às correrias e os outros companheiros que já lá estavam nos gritavam para não perdermos o trem.

A subida da serra foi exuberante de novidades para mim. As canções alegres fizeram com que em um instante chegássemos ao Alto da Serra.

O tempo melhorava bastante, e a animação da turma crescia.

O pitoresco da história é que todos tinham mochilas e eu, apenas, com um bernal emprestado estava levando uma "surra" pois nem sabia como carregá-lo e além disso muito atrapalhava o meu "agasalho": uma capa de pele! Pois me haviam dito que levasse o agasalho mais quente que eu possuísse.

Fomos até o bar do "Seu Joaquim" e

tomamos média com pão e manteiga e em seguida fomos para Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

A floresta, as cachoeiras, os pássaros, as variedades das plantas, o cheiro... ah! o cheiro bom da mata verde... o ar puro... Tudo me encantava! (E o danado do bernal me atrapalhava).

Andamos uma hora e meia e de repente... uma toca (a que chamavam de Toca dos Caçadores ou Abrigo 1). Qué beleza! Qué poesia! Era escavada debaixo de uma rocha imensa que servia de teto e o chão era todo feito de rodela de tronco de árvore, como ainda hoje se pode verificar. Fiquei encantada!

Aí descansamos 5 minutos e continuamos a marcha para cima.

Numa bela clareira encontramos-nos em frente a um refúgio Suíço que era a nossa meta! o Abrigo 2.

Qué alegria! Ao entrarmos encontramos um casal que nos saudou e nos designou as nossas camas. Em seguida fomos tomar banho de chuveiro e nos jogamos ao almoço que era constituído de feijão, arroz, macarrão, batatas fritas e salada. Marmelada e cafezinho. Tudo isso por 25 cruzeiros. A dormida custaria 20 cruzeiros.

Em seguida, passeamos por perto e descansamos um pouco até a hora do jantar. Não me lembro como, mas sei que havia música e dançamos. Às 22 todos nos recolhemos.

Bem cedo me chamaram para a escalada. Acordei com preguiça de me levantar mas a turma animada me encorajou e depois de um lauto café saímos do Abrigo.

Era uma belíssima manhã de domingo, 8 de Maio de 1956 e Dia das Mães.

Fazia um friozinho gostoso e começamos a caminhada para o "Nariz do Frade". Subíamos sempre, sempre e eu começava a suar, e com vontade de parar, quando o guia da excursão deu aviso de parada. Iriam desenrolar a corda pois ia começar a escalada.

O primeiro lance era um paredão que denominaram de "Roe-Roe". Depois do guia ter subido, um outro companheiro me

NARIZ DA FREIRA

Entre os anos de 1999 e 2003, organizamos uma trupe de montanhistas dispostos a escalar as montanhas mais inacessíveis da serra dos Orgãos. Reconquistamos a Agulha da Neblina, Agulha Bonatti, Muken (conquistando uma via nova descendo pelos Castelões), Pico da Solidão, Duas Vertentes e conquistamos a Agulha dos Italianos. Dessas montanhas "punks", faltava o Nariz da Freira, montanha esta encruada no Vale do Rio Soberbo. Em 2004 eu e Ricardo de Moraes tentamos repetir a Via Petropolitana, descendo por um dos grotões dos Portais de Hércules. Desistimos por achar que não era por ali. Acabamos subindo no mesmo dia o Cabeça de Dinossauro. Em 2005 voltei lá com o JP. Chegamos a bater um grampo, porém abismos intransponíveis nos obrigaram a voltar. Em 2006 voltei novamente com o JP, porém um incêndio provocou o fechamento do Parque.

Decidido a fazer o Nariz, reforcei nossa trupe. Dessa vez, já em 2007, o Ricardo estava de volta ao projeto e ainda contávamos com o Jota e agora com o Rafael em sua primeira vez. Resolvemos descer pelo grotão do meio, abrindo uma nova descida (Via Cerj). Após vários rapeis em árvores, chegamos bem ao fundo de um grotão, onde batemos um grampo para mais um rappel, porém haviam acabado as cordas. Voltamos aos Portais frustrados. Essa montanha tinha que sair esse ano!

Conseguimos voltar em outubro. Ricardo havia machucado o braço e o JP não pode participar por causa de seu trabalho. Escalamos então dois novos companheiros: Sérgio Bula (CEC) e o Bóris Flegr (CEG). Bula já tem uma grande experiência em Serra dos Orgãos e o Bóris está terminando uma ETGE do Guanabara e vem se

destacando quer em caminhadas quer nas escaladas. Bom, time formado fomos ao ataque....

Partimos em dois carros do Rio às 8 horas, começando a caminhar (caminho dos Castelos do Açú) as 10:45 e as 16:50 chegamos finalmente aos Portais de Hercules. Estávamos bem cansados devido ao peso de nossas mochilas. Jantar excelente assim como a dormida. Dia seguinte glorioso! Alvorada às 5 horas da manhã e as seis em ponto estávamos já partindo para a empreitada. Já saímos do acampamento de boudrier e material de escalada. Cada um levava uma mochila de ataque além de quatro cordas. Rapelamos com extrema rapidez, encordando os rapeis em árvores. O último rappel, descemos pelo grampo que havíamos batido na excursão anterior. Estávamos felizes pela velocidade. Ainda eram 8 horas da manhã!



Caminhos um pouco pelo grotão e eis que nos deparamos com um imenso abismo com uma cachoeira! O que fazer? Desesperado, toquei para o lado direito na esperança de achar uma árvore para um outro rappel. Não é que o Bóris achou o tal grampo batido pelo Carlos Alexandre (CEP) em 1987? Que alegria! Mas só tínhamos uma corda para escalar o Nariz. O que fazer?

Gritei: “Corta a corda do ultimo rappel!” Me lembro bem da cara de espanto que o Boris fez...e assim foi feito. No ultimo rappel havia sobrado uns vinte metros de corda, que será suficiente para esse quinto e ultimo rappel.



Bom, o grotão se estabilizou e chegou a hora de encararmos a mata para a crista que liga ao Nariz da Freira. Mas em que ponto fazer isso? Usando nosso faro, começamos a abrir uma picada em diagonal ascendente até chegarmos nesta crista. Maravilha! O Nariz na nossa frente! Quando colamos na parede dele, surge a duvida: por onde subir se não há nenhum vestígio? Havia duas chaminés muito estranhas e um trepamato duvidoso. O tempo passa...resolvi investigar pela esquerda eeeee.....bingo! Achamos uma possível passagem. Gritei pra galera vir. Já era quase meio dia e ainda tinha a volta. Combinamos de fazer o cume a qualquer preço. Tentei subir o lance de escalada. Pedra podre e sem nenhuma proteção. Desisto. Entra o Boris e também desiste. O tempo passa...vai o Bula, um pouco mais a esquerda num sistema de fendas (podres) e o maluco consegue passar! Viva!! Caminhamos mais um pouco e chegamos a uma chaminé. Havia dois grampos no final dela. Passamos por ela sem dificuldades. Mas e a saída dela? Novamente o Bula resolveu a questão, num

lance bem técnico, abriu em tesoura e foi pro mato. Cada um seguiu seus passos.

O mais legal foi que, quando fiz este lance, o Rafael pacientemente me esperava: “Mulambo, o cume é seu”. Falei que o cume era de todos. “Negativo”. Tomei a frente, abrindo a trilha (uns cem metros) para o cume. Pensava em muita coisa nesta hora, pessoas, montanhas, alegrias, tristezas...pensei também no gesto do Rafael, com certeza ele entendeu o quanto aquele cume era importante para mim. Não há mais nada a subir...CUME!!! Eram exatamente 14:25 da tarde. Alegria e cansaço, mas principalmente....PAZ!!! Valeu JP e Ricardo que afetivamente estiveram com nós neste cume!!

Os companheiros foram chegando e todos se abraçando. Lembrei do Zé: tem que merecer! Fotos, telefonemas e apenas dez minutos depois, temos que voltar. Ainda há muito que fazer. Após três rapeis (dois em árvores) já deixávamos o Nariz da Freira. Tínhamos pressa pois não queríamos pegar a parte das caminhadas a noite. As 16:55 já estávamos de volta ao grotão e as 17:15 o Rafael dava inicio a primeira jumareada da noite. Caiu à noite e a dificuldade aumentou, pois ainda tínhamos alguns trechos de caminhada dentro do grotão. Felizmente tudo correu bem. Ainda faltavam várias cordas a serem subidas. Ficávamos às vezes com nossas lanternas desligadas, vendo lá no fundo as luzes das cidades e carros e sonhando com a linguiçinha frita e vinho do acampamento. Jumarear a noite foi uma tarefa perigosa e para piorar, estávamos extremamente cansados, potencializando um possível erro.

Bom, após jumarear as cinco cordas, finalmente saímos do grotão. A cada um

que saia de dentro dele, pareciam bebes recém nascidos. Caminhamos felizes para o acampamento. Eram 21:35. Aí sim, após quinze horas de trabalhos, podemos tirar nossos boudriers e fritar aquela linguiçinha, enfim, celebrar...

Dia seguinte, aquela ressaca...corpo doido, arrumar toda a tralha e zarpar fora. Começamos a caminhada de volta as 8:40 e chegamos em nossos carros as 14:15 horas. De volta a civilização! Rango alto nível com aquela cerveja!!

O Nariz da Freira foi mais uma das montanhas que necessitam de muita determinação, já que ela nos prega peças a todo tempo. Mas chegar em seu cume com seus companheiros realmente não tem preço...estou já um pouco cansado dessas enormes jornadas, muitos dos meus companheiros de ralações já “aposentaram”. Vamos ver a próxima temporada...a Coroa do Frade nos espera!!

Waldecy Mathias Lucena

